

Histórias
em
QUADRINHOS
e Práticas Educativas
Os gibis estão na escola, e agora?

ORGANIZADORES
ELYDIO DOS SANTOS NETO
MARTA REGINA PAULO DA SILVA

AUTORES
ALBERTO PESSOA • ALINE DA SILVA LOPES • NATANIA A.S. NOGUEIRA
• NATHALÍ LOMBARDI BECKER • NOBU CHINEN • RAFAELA DE ÁVILA CARDOSO
• ROBERTO ELÍSIO DOS SANTOS • VALÉRIA APARECIDA BARI • WALDOMIRO VERGUEIRO



CRATIVO

ÍNDICE

#



PREFÁCIO

ZEILA DE BRITO FABRI DEMARTINI

8

#



INTRODUÇÃO

OS GIBIS ESTÃO NA ESCOLA, E AGORA?

ELYDIO DOS SANTOS NETO

MARTA REGINA PAULO DA SILVA



10

#



CAP. 1

NARRATIVAS GRÁFICAS COMO EXPRESSÕES DO SER HUMANO

ROBERTO EMÍLIO DOS SANTOS

ELYDIO DOS SANTOS NETO

15

#

CAP. 2

“É UMA HISTÓRIA ESCORRIDINHA”: CRIANÇAS, CULTURAS INFANTIS E QUADRINHOS

MARTA REGINA PAULO DA SILVA

27



#

CAP. 3

HISTÓRIA EM QUADRINHOS E LEITURA: DESAFIOS COLOCADOS AOS EDUCADORES

VALÉRIA APARECIDA BARI

45

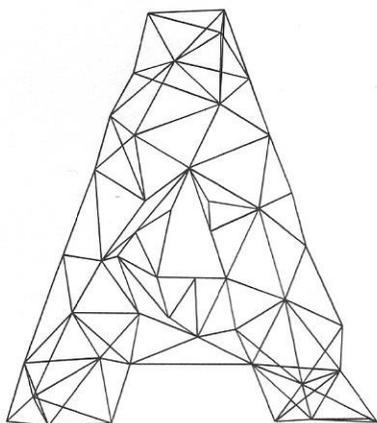
HISTÓRIA EM QUADRINHOS E LEITURA: DESAFIOS COLOCADOS AOS EDUCADORES*



POR
VALÉRIA APARECIDA BARTE

Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de São Paulo (1990). Defendeu a dissertação de mestrado "Por uma epistemologia da Educomunicação" em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2002) e a tese de doutorado "O potencial das Histórias em Quadrinhos na formação de leitores" em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (2008). Docente do Magistério Superior na Universidade Federal de Sergipe (UFS) desde abril de 2009, Decana do Departamento de Ciência da Informação (DCI/UFS).

*Este trabalho não seria possível sem a contribuição de diversos acadêmicos de graduação, monitores, bolsistas e cursistas que se dispuseram a aplicar as propostas de utilização da linguagem e das mídias da História em Quadrinhos como recurso em práticas pedagógicas, ação e animação cultural, sob nossa orientação. Agradecemos especialmente àqueles que disponibilizaram o resultado de suas experiências para pesquisa e publicação, sem os quais a explicação das metodologias e recomendações deste artigo se tornaria muito mais difícil: Érida Souza Lima; Maria Cristina Portela; Daianne Dantas; Naiane dos Santos Silva; Diana Camargo; Denise Reis; Suzie Lie Hirasaka.



A civilização humana nos deu um presente, que os outros habitantes deste mundo não têm. A linguagem falada, escrita, codificada, feita para acumular informações e conhecimento como tesouros intangíveis, está à disposição de toda a humanidade. Mas, esta disposição, que se estende desde o conhecimento utilitário até o lazer cultural mais divertido, é concretizada mediante termos muito específicos. Ou seja, se existem vários códigos para registrar esta linguagem, só possuirá a “chave” aquele que os souber decodificar. Muito distantes das representações naturais da comunicação, estes códigos levam muitos anos para ser desvendados e memorizados, ou mesmo para ser lidos de forma ascendente, isto é, com a compreensão de que nem tudo o que interessa está explícito no registro, existem coisas insinuadas que poucos conseguem vislumbrar.

A diferença entre as pessoas que estão preparadas para este mundo letrado e as que não estão é tão grande, que representa uma dívida social aparentemente impagável, articulada em todo este processo de colonização e a vilania de manter pessoas aparentemente livres, na verdade dominadas pela falta de acesso ao conhecimento, por pura falta de know-how (saber-como).

Temos a Escola que, em todas as partes do mundo, segue um modelo elisabetano, uma metodologia aristotélica, utilizando o mobiliário e equipamentos nascidos no Renascimento Clássico, ou seja, uma instituição que segue transitando entre a Antiguidade e a Idade Moderna, que, de repente, tem de dar conta da “Economia da Informação do séc. XXI”, viabilizando a apropriação do arcabouço cognitivo da humanidade contido nos *bits* e *bytes* de diferentes artefatos computacionais, configurando ao mesmo tempo e com igual eficiência o que os teóricos franceses conceituaram como a Educação Universal, um direito de todos.

Desafios para os professores e para os demais colaboradores que formam os quadros escolares, a quem podemos denominar coletivamente de educadores, sejam eles outros profissionais com nível superior em atuação, ou técnicos administrativos, ou colaboradores de funções auxiliares sem as quais seria inviável a escolarização. Para todos estes atores sociais, dependentes do êxito de um modelo educacional apoiadas nas bases frágeis de políticas públicas muito generalizantes e pouco voltadas para situações locais e pontuais, a leitura e autonomia do educando se reveste de importância vital na superação de desvantagens sociais persistentes.

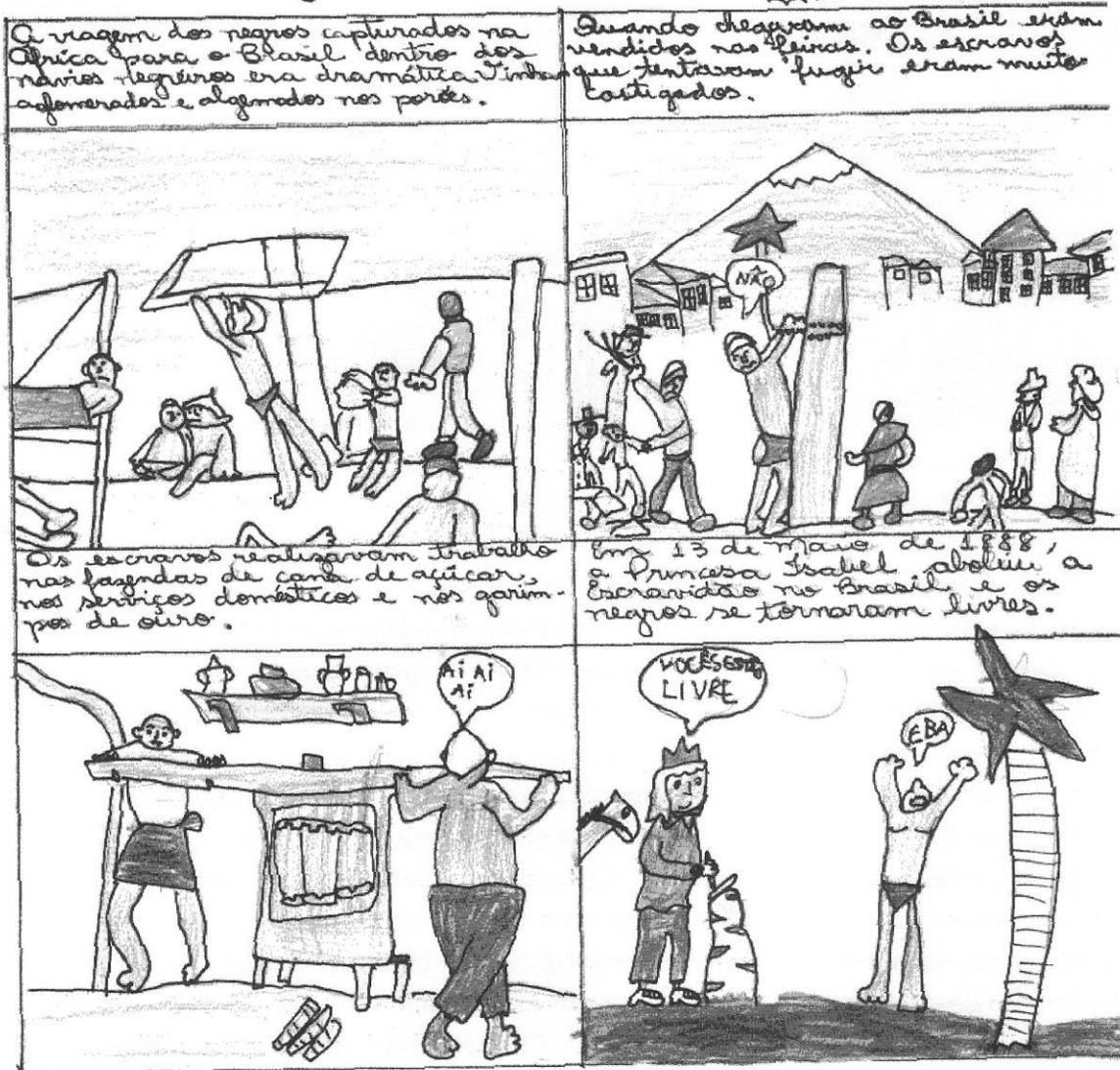
Pelas manhãs dos dias úteis, despertam os trabalhadores e seus filhos, para vivenciar mais uma jornada de convivência, seja no emprego, seja na Escola, seja nas ruas, em ambientes que deveriam despertar sentimentos de confiança e pertencimento mútuo a uma comunidade em desenvolvimento, mas

Nome LUAN data _____

História - Ser e viver escravo no Brasil

Crie sua história em quadrinhos de acordo com a legenda.

Professora
Cristina



← Uso da técnica da criação da imagem a partir do texto, explicitada apenas pelo conteúdo de quatro recordatórios encadeados, denominados de "legenda" pela Professora Maria Cristina Portela, acadêmica de graduação em 2005, em escola rural multisseriada. O aluno Luan interpreta, a partir do texto dos recordatórios, o tema "Ser e viver Escravo no Brasil". Exercício reproduzido por matriz de estêncil em mimeógrafo à álcool.

Ao ficar nas pontas dos pés, nos aproximamos de um reino imaginativo e fantasioso, podemos relembrar de nós mesmos, reviver as experiências divertidas, quase todas esquecidas e perdidas, da leitura descompromissada. Aquela, que fazíamos escondida dos adultos, com a cumplicidade de uma mãe generosa, um tio, um primo mais velho, mas sob a condenação de quase todos a nossa volta. E daí vem a constatação de que o gosto pela leitura na infância é quase um desgosto para todos os adultos a sua volta, pela falta de identidade com o que são os "objetivos da infância". O desgosto segue pela adolescência, a juventude, a idade adulta,

onde sempre a leitura atraente ao indivíduo será classificada pelos demais como "perda de tempo", ou inútil, ou deletéria.

– Vai atrofiar sua mente! – as pessoas vaticinaram no passado e, ainda hoje, podemos verificar que estas pérolas seguem sendo atiradas aos intelectuais que defendem a liberdade e o direito a diversificação das leituras para crianças, jovens e adultos.

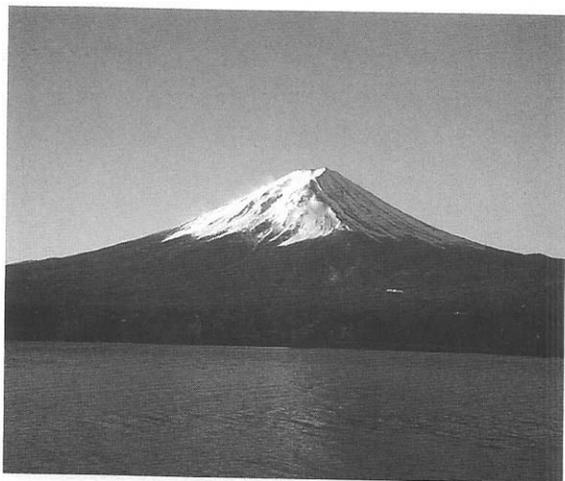
As pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman, por exemplo, se acercam do

gosto da juventude brasileira do início do séc. XX pelas leituras clandestinas. Verificaram que a Educação preocupava-se com a preparação ou adaptação de textos de conteúdo erudito e moralista, cujo principal intuito era gerar a proficiência na leitura formal e um conformismo com as condições sociais. Porém, a transgressão foi inevitável e sustentou toda uma série de publicações voltadas especificamente para o momento fantasioso da infância:

As obras escolhidas por crianças e adolescentes, quando eles escapolem da rígida rotina escolar de leitura, parecem responder às exigências da fantasia, pela qual, em acumulação infinita, articulam-se a outras de ficção ou as conhecidas por meio de transmissão oral, como as ouvidas de contadoras. O fato de incendiarem a imaginação explica e reforça a clandestinidade dessas leituras, que pouco ensinam de prático, mas que provocam consumo contínuo.

(LAJOLA, 1996, p.227).

A proposta deste trabalho, a partir desta modesta problematização, é a de falarmos sobre a força de uma heroína da leitura, esquecida na infância de todos.

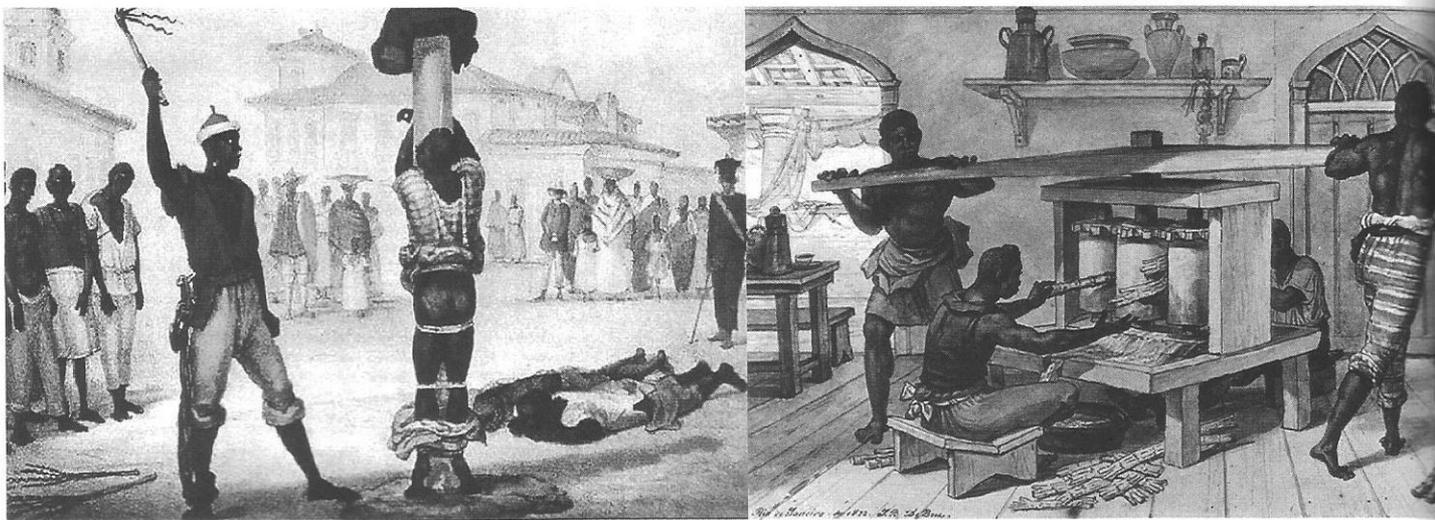


↳ O Monte Fuji, retratado pelo aluno Luan em seu exercício "Viver e ser escravo no Brasil" denota o seu referencial imagético, obtido nas imagens que povoam seu imaginário e as suas vivências domésticas, hibridizando a imagem que foi obtida no material oriundo do Japão com as reproduções de Debret, presentes no livro didático, contanto ao mesmo tempo a história dos brasileiros entremeadas de sua própria história.

Aquela, que fez você leitor aliviar aflições de momentos difíceis da infância, viver uma emoção diferente, rir de um gracejo inocente. Na sua maturidade presente, ainda faz com que você se ria dos graves problemas que assolam a sociedade, por meio de algumas vilanias estampadas em uma tosca vinheta de jornal, mas poder pensar e tomar consciência do que lhe é importante. É ela, a História em Quadrinhos, da qual muitos temem em falar, pois ainda lhe pesa a fama de destruir mentes, criar criminosos, pois é mais fácil atribuir a um bem cultural tantos males do que espelhar a geração dos mesmos nas próprias estruturas perversas da sociedade.

Por serem processos complementares, a alfabetização e o letramento ocorrem, com diferentes ênfases, compartilhando os mesmos espaços públicos e privados. O vínculo entre a alfabetização e letramento se dá, contudo, no processo social da escolarização, pois:

[...] para refletir sobre as relações entre letramento e escolarização, a palavra escolarização é considerada em ambos os sentidos: por um lado, a fim de discutir as relações entre níveis de aprendizado escolar e níveis de letramento, toma-se a palavra com o complemento "pessoa": considera-se a escolarização da criança, do jovem, do adulto; por outro lado, em busca das relações entre práticas sociais e práticas escolares de leitura e de escrita, toma-se a palavra com o complemento "conteúdo": considera-se a escolarização da escrita como objeto de aprendizagem. [...] a concepção corrente é que a criança vai à escola "para aprender a ler e a escrever". (SOARES, 2003, p.93).



De certa forma, contudo, há uma diferença relevante entre o letramento pretendido pelas atividades escolares e pelas instâncias sociais voltadas para a leitura pública. Em um conceito de *letramento escolar*, as atividades de leitura e escrita são autônomas em relação às circunstâncias de produção e uso do texto, criando seus próprios eventos de contato com a leitura, enquanto o *letramento social* é exercido mediante a apropriação de conteúdos, discursos e mensagens que se vinculam ao leitor, dadas às circunstâncias de produção, veiculação, recepção, apropriação ou reação aos conteúdos (SOARES, 2003, p. 97-113).

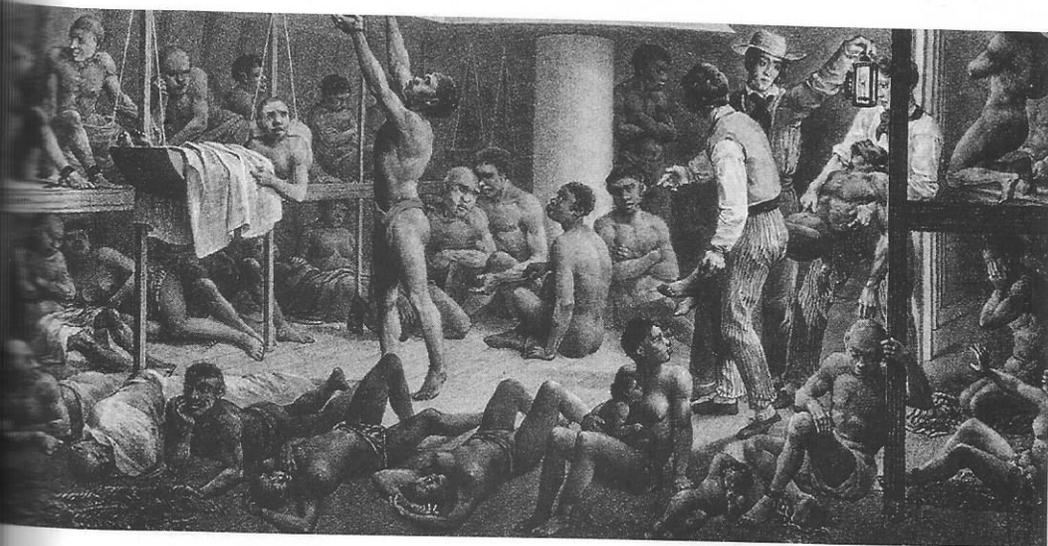
O letramento escolar é, sem sombra de dúvida, essencial para uma continuidade coerente da educação formal e atua no âmbito da construção de conhecimentos apoiada nos registros bibliográficos. Porém, para os demais momentos da vida, o letramento social representa a possibilidade de vincular-se ou estar marginalizado, em uma sociedade onde a informação ganha espaço e valor em todos os momentos, seja de atuação cidadã, sejam de lazer cultural, sejam de consumo de bens culturais tangíveis e intangíveis em sua subjetividade.

O que muitos pesquisadores da leitura discutem, e que afirmamos neste trabalho, é que o letramento escolar e o letramento social, embora situados em diferentes espaços

e vivências pessoais, são partes dos mesmos processos sociais mais amplos. Por isso, a leitura da História em Quadrinhos habilita a mente para contextos de leitura escolar e social, ainda acrescentando um exercício de interpretação iconográfica imprescindível na atualidade, sob o advento das novas tecnologias e a convergência das linguagens para os suportes digitais, com a hibridização de letras, ícones, desenhos, imagens, sons, num ambiente cognitivo complexo.

A formação do gosto pela leitura, essencial para o letramento, é facilitada pela criação de **situações de leitura cotidiana**, principalmente quando as mesmas não estão vinculadas a uma utilidade da vida, pois isto descaracteriza um momento de lazer. Assim, a disponibilização da História em Quadrinhos ao leitor novato e a facilitação de sua circulação, em ambientes como o lar e a comunidade, é extremamente importante na familiarização, repetição e reforço de conteúdos escolares de alfabetização, sob um ângulo de entretenimento. A formação do hábito leitor vem da familiaridade; o prazer é uma mistura desta familiaridade com um nível de letramento que permite uma leitura descontraída. O gosto é o estabelecimento de preferências personalizadas por um elenco de gêneros e autores, que imprime elementos de identidade ao hábito de leitura.

A formação do leitor só chega ao seu amadurecimento pleno se o indivíduo gostar de ler, ou seja, o vínculo emocional é um elemento imprescindível na proficiência de leitura. As histórias em quadrinhos, além da facilidade da veiculação de conteúdos complexos aos leitores novatos, amadurecem também a relação emocional entre o leitor e a sua leitura. Essa relação emocional tem teor eclético, ou seja, cria leitores que apreciam todos os tipos de leitura, da mais popular a mais erudita. Comprovadamente, a leitura

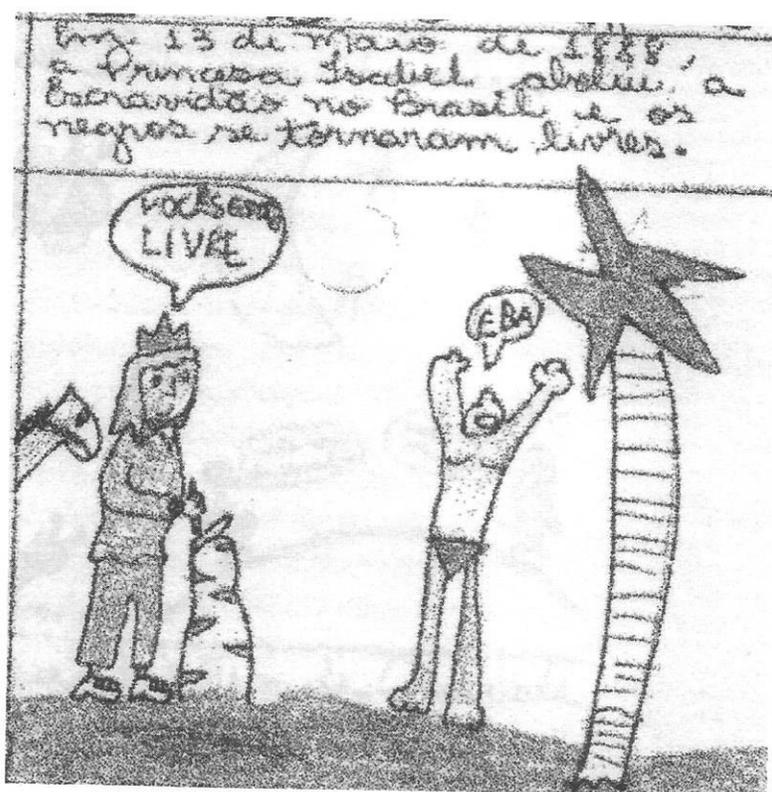


↖ Obras de Debret e de Rugendas, ilustrativas de livros didáticos, citadas por Luan em seu exercício "Viver e ser escravo no Brasil".

↘ Apropriação da Princesa Isabel pelo estudante Luan, que insere a Abolição da Escravatura no ambiente onde executa seus deveres escolares.

da História em Quadrinhos forma leitores que gostam de toda a natureza de obras, com a vantagem de gerar uma cultura leitora infanto-juvenil, comunidades leitoras de grande abrangência e perenidade por toda a vida (BARI, 2008, p. 183-191).

O seu potencial informacional também está à disposição da escolarização, e ainda não foi explorado o seu limite na formação de uma postura proativa do estudante na busca do conhecimento, pois as histórias em quadrinhos propiciam a possibilidade de conjugação de fontes, capacidade de síntese



e formação de discurso próprio, inerente sinal da apropriação e ressignificação de informações e conhecimentos. Uma boa opção é a incorporação da leitura e da produção infantil da História em Quadrinhos nas diferentes

práticas pedagógicas, acompanhando a disponibilização das mesmas no acervo da sala de leitura, cantinho de leitura ou Biblioteca Escolar. Sobre isso, falaremos a seguir.

Temos, inicialmente, o modo mais demorado e dispendioso, que está quase sempre reservado aos autores de livros didáticos e publicações congêneres: a citação. O professor, em seu ato de produzir o livro didático, aproveita de seu cabedal de leituras de lazer e seleciona determinado conjunto de vinhetas, ou mesmo uma tira completa ou história completa. Ele a transfere para o livro didático, para prova ou exercício, utilizando seu texto como base para a proposta de prática pedagógica. Fácil, quando se tem acesso aos inúmeros títulos publicados no mercado. Porém, se torna difícil, quando o estabelecimento escolar não dispõe de recursos para adquirir Histórias em Quadrinhos como recurso pedagógico... Isto frustra inúmeras tentativas dos educadores de introduzir a História em Quadrinhos nas aulas.

– Então, como fazer? Só quem pode consumir terá acesso as HQs na sala de aula?

Não necessariamente. Existem técnicas educacionais, que inserem a mídia nas práticas pedagógicas a partir da estrutura da linguagem, fazendo com que educadores e educandos produzam o seu

próprio material. É muito produtivo, muito divertido, relativamente fácil e barato e viabiliza a formação cooperativa do par-pedagógico, assim como preconizam os teóricos Piagetianos, Neopiagetianos, Sócio-Historicistas, Montessorianos, Freinetianos e outros acadêmicos e docentes referenciais na Educação da atualidade. Nas ilustrações seguintes, temos exemplos de pesquisas e aplicações em práticas pedagógicas desenvolvidas por diferentes professores de nível básico, fundamental e médio, a partir das técnicas da educomunicação, sob orientação ou co-orientação da autora deste capítulo [¶].

A primeira técnica, a mais simples, é a da “criação do texto a partir da imagem”. O professor precisa, para utilizá-la, do planejamento de uma atividade na qual é importante a geração e texto escrito pelos alunos, pois será este o produto resultante. É necessário ampliar e reproduzir algumas vinhetas, da forma mais econômica possível, produzindo um material que todos os alunos terão em suas mãos para completar o exercício. Para os menores, é recomendável a utilização dos lápis de cor para pintura, mas a ênfase deve ser a da produção de texto.

O personagem pode ser recortado e colado na matriz do exercício, criada pelo professor, para fazer com que o aluno escreva sobre o assunto desejado. Também pode ter o seu desenho copiado ou, simplesmente, o conteúdo escrito nos balões cobertos com corretivo líquido ou etiquetas adesivas. No final, a força do personagem e da situação faz com que o trabalho flua.

Outra técnica educomunicativa de grande interesse e muito simples, é a “criação da imagem a partir do texto”. É um exercício de interpretação de texto que exige grande

¶ A pesquisadora Valéria Aparecida Bari, autora deste capítulo, desenvolve continuamente desde o ano de 1989, pesquisas e práticas pedagógicas inseridas da História em Quadrinhos. Atualmente, além das publicações em eventos científicos, segue com várias iniciativas em desenvolvimento, por meio das ações de Extensão Acadêmica da Universidade Federal de Sergipe, de orientações de Trabalhos de Pesquisa, Trabalhos de Conclusão de Curso, de Cursos de Formação de Professores e de Bibliotecários.

¶ Jean-Baptiste Debret ou Debret (Paris, 18 de abril de 1768 — Paris, 28 de junho de 1848) foi um pintor e desenhista francês. Integrou a Missão Artística Francesa (1816), que fundou, no Rio de Janeiro, uma academia de Artes e Ofícios, mais tarde Academia Imperial de Belas Artes, onde lecionou pintura.

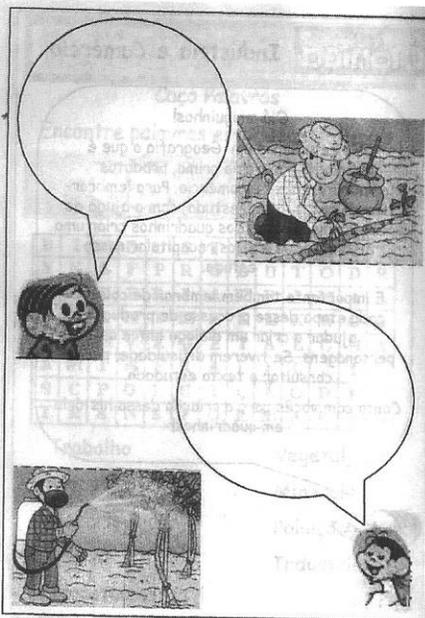
¶ Johann Moritz Rugendas (Augsburgo, 29 de março de 1802 — Weilheim an der Teck, 29 de maio de 1858) foi um pintor alemão que viajou por todo o Brasil durante o período de 1822 a 1825, pintando os povos e costumes que encontrou. Rugendas era o nome que usava para assinar suas obras. Coursou a Academia de Belas-Artes de Munique, especializando-se na arte do desenho.

desempenho dos educandos, pois será necessária a criação de uma situação a partir de suas falas. Esta atividade é ainda mais fácil para o professor que, após ensinar em lousa ou outra superfície expositiva todos os elementos da linguagem (que estão pormenorizados no item 3.1 deste trabalho), devem solicitar aos alunos que desenhem a situação a partir de um diálogo ou de uma fala determinada. Estudando o caso a seguir, poderemos inclusive verificar que a utilização da linguagem da História em Quadrinhos facilita tanto a mediação de conceitos relevantes quanto a avaliação da compreensão dos mesmos pelos estudantes.

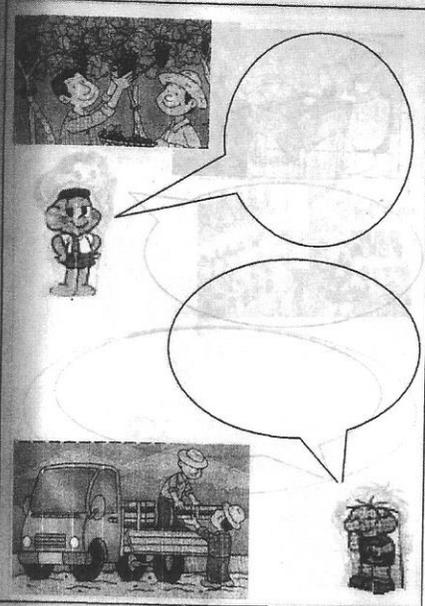
No ensino da História, a linguagem da História em quadrinhos cria oportunidades para que os alunos descrevam, por seus próprios recursos de linguagem, os fatos históricos que lhe são narrados.

Temos como exemplo a criação do aluno Luan, sobre como foi viver e ser escravo no Brasil. Luan é nipo-descendente, vivia na época em uma propriedade rural e sua família trabalha no cultivo de hortaliças, no interior de São Paulo. Sua narrativa mescla elementos que são vitais em sua compreensão do mundo. Ao mesmo tempo em que se baseia em ilustrações de Debret [¶] e Rugendas [¶], presentes nos livros didáticos, Luan ambienta sua narrativa com uma vista do Monte Fuji [¶] e, no ápice do que crê ser o ato mais importante, coloca a princesa Isabel, trajada de calças jeans, assinando a Lei Aurea sobre o toco de uma árvore, em frente ao escravo seminu, que tem os braços erguidos, gritando e comemorando de forma muito efusiva sua nova situação social.

Os artistas da Missão Artística Francesa no Brasil, ocorrida em 1816, registraram momentos significativos da



4



5

vida comum brasileira, pública e privada, de forma naturalista e sincera. São obras que figuram em grande parte de nossas obras didáticas, mas que igualmente possuem o bom gosto e expressão que faz das mesmas verdadeiras obras de arte, carregadas de comunicação, expressão e significados que Luan conseguiu interpretar. Observamos que Luan interpreta os “castigos” na sua ilustração, ao escolher um escravo que recebe chibatadas nas nádegas, associando com palmadas que pode ter domesticamente recebido como corretivo.

Quando Luan se apropria das imagens de grandes mestres para escrever sua própria narrativa, consegue estabelecer o par pedagógico com a professora que propõe o trabalho, compreende o conteúdo histórico e consegue concretizar uma expressão relevante do mesmo, por seus meios. Ele, que ainda está em alfabetização, chega a uma síntese pessoal eloquente, ao criar uma cena própria de seu convívio para expressar o ato da assinatura da Lei Aurea, colocando a Princesa Isabel no ambiente campestre, em frente ao protagonista que é o escravo liberto, provavelmente no local de sua casa onde ele mesmo cumpre algumas de suas tarefas

↑ Matriz para reprodução reprográfica (Xerox) de exercício de Geografia. A Professora Maria Cristina Portela, acadêmica de graduação em 2004, criou um exercício, a partir de folheto sobre o plantio da uva, para que os alunos descrevessem as fases do cultivo à colheita. Desta forma, foi possível mostrar de forma concreta o que ocorre nos processos e modos de produção, de forma que o aluno pode perceber a inter-relação entre as fases e funções sociais, por meio da articulação de vinhetas.

☐ O Monte Fuji (em japonês 富士山 *Fuji-san*) é a mais alta montanha da ilha de Honshu e de todo o Japão e a 35ª mais alta do mundo. É um vulcão ativo, porém de baixo risco de erupção.

escolares, o toco de uma antiga árvore decepada.

A Princesa Isabel retratada por Luan é uma mulher atual, usando jeans e sapatos elegantes de salto. Porta a coroa como se fosse uma peça de vestuário. Com uma caneta comum, sobre o toco de uma árvore, assina o documento diante do escravo seminu, sem

nenhum gesto de formalidade, dizendo “Vocês estão livre[s]”. O escravo compreende imediatamente o ato, comemora por meio de uma interjeição, “Eba”, comum entre as crianças brasileiras. Provavelmente, este é o local do sítio em que Luan faz suas lições de casa, enquanto a família trabalha.

Então, cada um coloca a liberdade onde quer... e assim fez o aluno Luan. Desta forma, é possível verificar se o educando compreende a linearidade do tempo, o aparecimento dos fatos relevantes e momentos vitais nesta linha temporal, a relação entre causas e consequências no contexto político-social, traduzido para seu universo infantil e expresso pela linguagem das histórias em quadrinhos.

Na Geografia, por sua vez, é possível trabalhar como espaço geográfico e seus indicadores naturais, sociais e do modo de produção, por meio da compreensão dos eventos na linearidade do tempo.

O educando adquire o conhecimento sobre as populações, matérias primas e bens que produzem, mas tudo inserido em processos econômicos que dependem de técnicas, tecnologias, tradições, estações do ano. A sucessão de vinhetas garante que o preenchimento de exercícios auxiliará na

PRESENTE PARA MAMÃE

Clara, o aniversário da sua mãe está chegando e quero que compre um presente para ela, com cores.

Certo, Pai, pode deixar.

Tchau, Pai, comprarei um belo presente. Até mais tarde.

Com 100 reais, conseguirei comprar mais de um presente, pesquisaré os preços dos produtos.

PERFUMES LINDOS

Qual o valor do perfume que Clara comprou para sua mãe? Quantos reais ainda sobram para ela comprar mais presentes?

1^a Resposta: Ela comprou o de trinta reais (R\$30,00)

2^a Resposta: 70 - 30 = 40

Quero o perfume de valor mais barato.

OK!

Vou levar o vestido que tem a metade do valor que me restou.

O dinheiro que sobrou depois de ter comprado o segundo presente foi o que ela economizou. Qual é esse valor?

Estou satisfeita, comprei dois presentes e ainda sobrou dinheiro para meu sobrinho.

Qual o valor do 2º presente que Clara dará a sua mãe?

Cálculos:

$$\begin{array}{r} 1012 \\ - 35 \\ \hline 977 \end{array}$$

Clara: 2 de R\$35,00

memorização e análise dos elementos e das condições presentes nas fases produtivas. É muito importante salientar, contudo, que os desenhos sem técnica não são úteis para as crianças menores. Mas, como o curso de desenho ainda é um sonho distante para muitos educadores, a técnica mais fácil é a de, simplesmente, sobrepor o papel às fotografias de revistas (aquelas revistas sobre amenidades que se encontram por menos de dois Reais em qualquer banca de jornal ou supermercado) e contornar a imagem, criando as vinhetas segundo um roteiro criado pelo professor.

O ensino da Matemática também pode deixar de ser um problema para os professores, por meio de outra técnica educacional. A contextualização da situação-problema na linguagem da História em Quadrinhos representa a concretização necessária ao cérebro infantil, que torna

Nome: Nicelle

Marina em: Busca do urso desejado

Marina e Gabi fazem barulho...

Opa só Gabi que urso lindo!

É lindo mesmo Marina!

Cuu quero ele para mim!

Ele custa R\$ 20,00

Mas eu só tenho R\$ 18,00

Então você precisa de mais R\$ 2,00

Cálculo:

$$\begin{array}{r} 20 \\ - 18 \\ \hline 02 \end{array}$$

Na casa de Marina...

Não tenho querida, mas você pode pegar o dinheiro do meu cofre.

Tia, você pode me dar R\$200

Boa ideia tia!

Aqui tem R\$ 6,00, se eu juntar com o que eu já tinha fica R\$ 24,00

Depois de comprar o urso...

Gabi, comprei o urso e ainda sobrou R\$ 4,00

Que bom que você conseguiu Marina.

Cálculo:

$$\begin{array}{r} 24 \\ - 20 \\ \hline 04 \end{array}$$

↳ Usa da técnica da criação de situação-problema pelas acadêmicas de graduação Daiane Dantas e Naiane dos Santos Silva, em 2013, para aplicação de atividade em turma de quarta série do Ensino Fundamental. A HQ aparece completa, propondo ao aluno cálculos para armar em espaços pré-determinados nas vinhetas. O desenho foi feito com base em contorno de desenhos disponibilizados no site A fábrica de desenhos para livre utilização <<http://afabricadedesenhos.files.wordpress.com/2012/06/desenho-colorir-escola.jpg>>.

viva a operação matemática. Para tal, o professor deverá pensar em situações reais da vida cotidiana e procurar montar a matriz do desenho que necessita.

A técnica da criação da situação-problema também é um exercício para o professor, que será levado a buscar no cotidiano da criança as vivências nas quais a habilidades e competências matemáticas deverão ser conhecidas e praticadas. A técnica promove também a familiarização com o cálculo mental, mediante a aparição do contexto descrito no exercício na vida real, assim como descrita na própria dinâmica da linguagem da História em Quadrinhos. Em geral, a preparação deste material leva algumas horas e também é dependente da própria inspiração dos professores, mas cria uma matriz que pode ser utilizada repetidamente.

No ensino das Artes, a Escola ingressa em ampla desvantagem, pois os municípios brasileiros não possuem museus ou exposições que permitam aos estudantes a vivência da experiência do contato com a obra de arte. A aparição das grandes obras em outras mídias e linguagens é de caráter reducionista, muitas vezes fazendo da obra de arte um objeto de decoração. Então, neste ponto, a História em Quadrinhos recria, ainda que de forma simplificada e esquemática, o relacionamento entre o autor e sua obra, assim como o sentido de comunicação e expressão presente na Arte.

Por meio da utilização das técnicas da perspectiva renascentista, tão bem esquematizadas na linguagem da História em Quadrinhos, os estudantes podem educar o olhar para ter noção de enquadramento, ou seja, entender os planos que organizam a imagem em um desenho



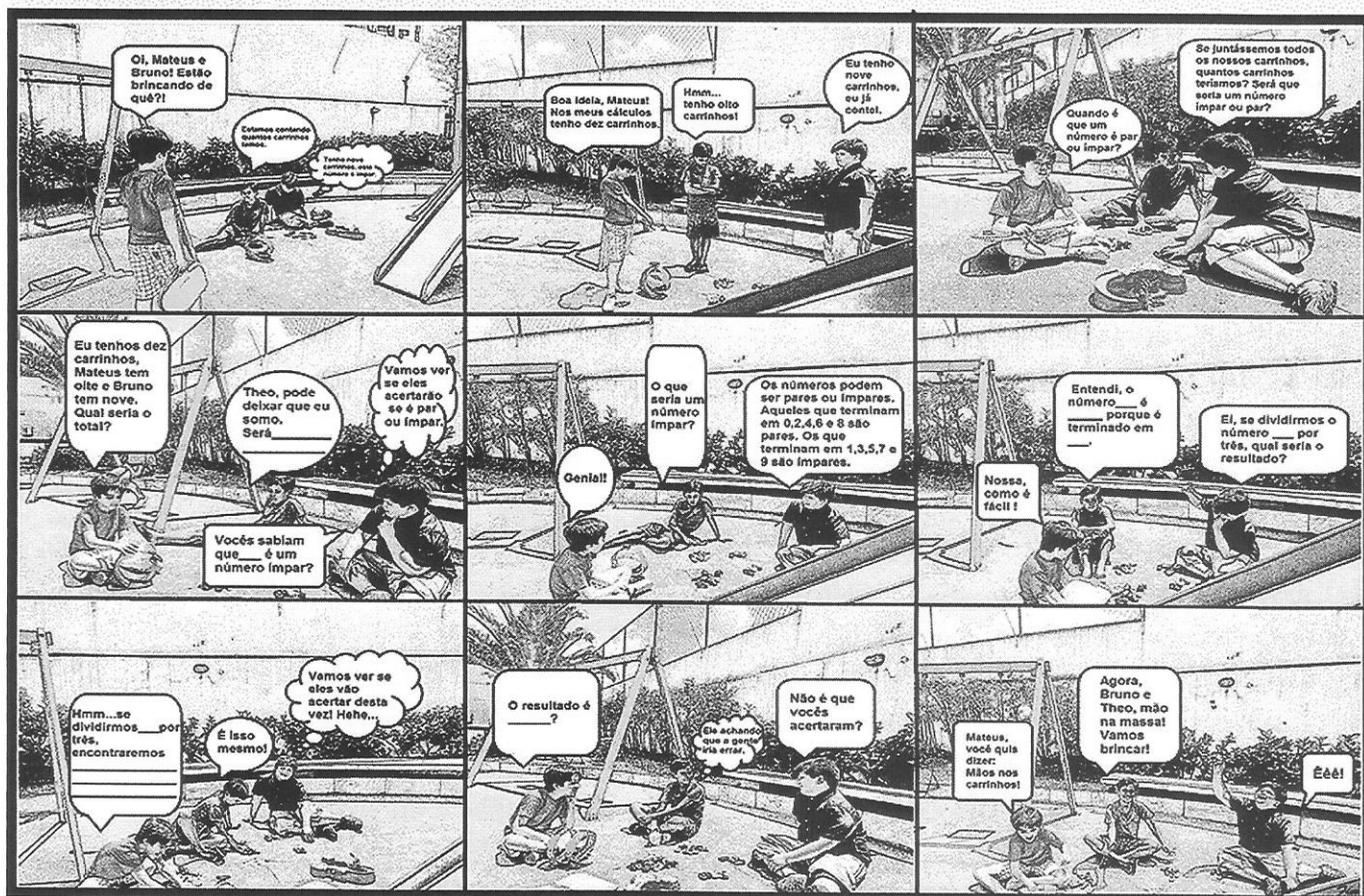
↑ Uso da técnica do ensino das Artes, com ênfase na questão do "preenchimento" determinada por Célestin Freinet, na escola rural, em classe multisseriada, pela Professora Diana Camargo, acadêmica de graduação em 2004. O naturalismo da imagem está presente na colorização da sede escolar, nas três colinas visíveis do pátio, enquanto a esquematização e perspectiva são exercitadas pelo tamanho dos objetos retratados em primeiro plano, segundo plano, terceiro plano e plano geral. Posteriormente, o aluno recortou e colou uma imagem copiada do personagem "Senninha," para demarcar a presença da pista da rodovia, originalmente fora da visão do desenho, mas que representa conceito relevante à comunidade escolar.

ou pintura: primeiro plano – close; segundo plano – ambiente ou plano americano; terceiro plano – paisagem ou panorâmico; plano geral. A importância da cor, tanto na reprodução da natureza, quanto na reprodução de sentimentos, é enfatizada no momento de colorir o trabalho.

As estações do ano também se revestem de importância, pois existem modificações na paisagem natural que "saltam aos olhos" e trazem conteúdos de interesse. O esquema mental que traduz um período de tempo em um único desenho registrado, ou seja, uma cena, também é desenvolvida entre os alunos. O desenho produzido por esta técnica fica muito diferente do desenho convencional da criança, e mesmo da grande parte dos adultos, que se assemelha mais a uma "planta de engenharia", com todos os elementos fixos em um mesmo plano, sem profundidade, comum fundo único e desfocado, que geralmente é subdividido em piso e céu.

Da mesma forma, a aplicação da técnica educa o olhar para a escolha de planos em atividades de fotografia. Como as redes sociais da atualidade nos exigem registros de diferentes atividades da vida, a familiaridade com a linguagem fotográfica e seus recursos se transforma em recurso comunicacional para alunos

Brincando com os números



e professores, que pode ser aplicado em diferentes atividades escolares. Além disso, o exercício de atividades escolares utilizando os aparelhos celulares e *tablets* predispõe os alunos ao prosseguimento de práticas propostas nos ambientes extramurais, também as compartilhando com outros pares nos momentos de brincadeira.

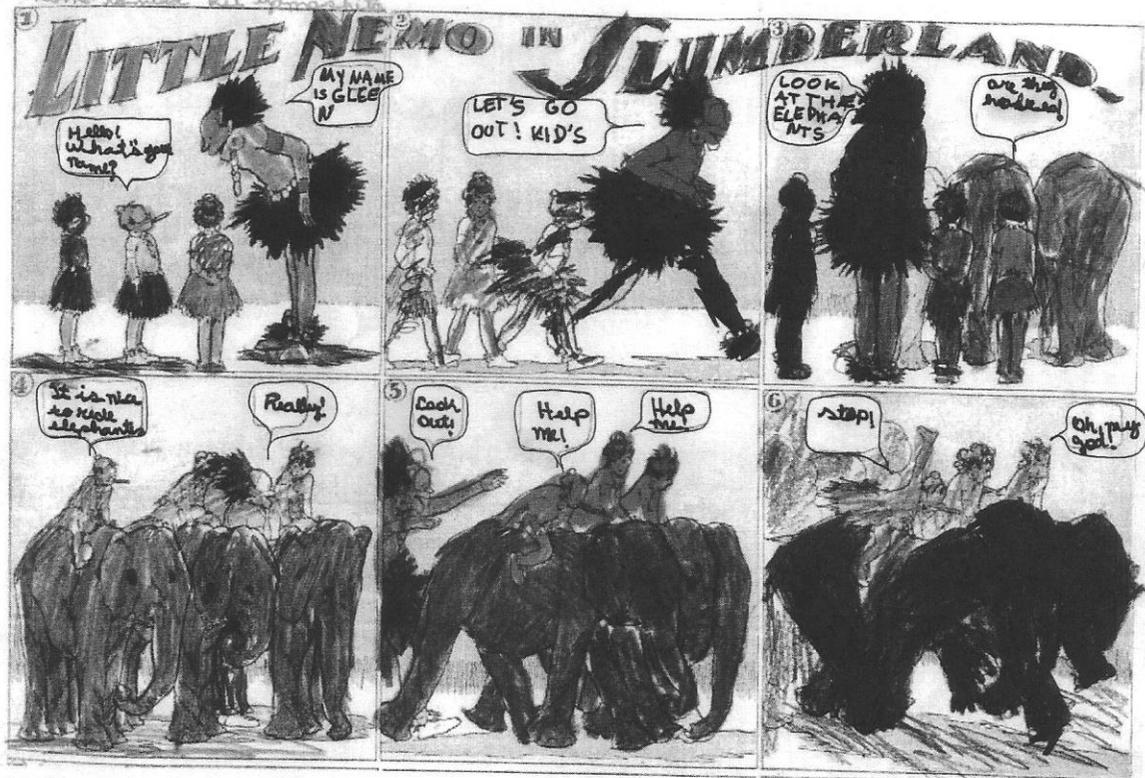
No ensino das línguas estrangeiras, a História em Quadrinhos facilita muito a fixação do vocabulário e das formas de expressão, pois faz com que os educandos participem ativamente da construção de situações, a partir do contexto dado pelas imagens das vinhetas. Por meio da técnica da criação do texto a partir da imagem, o exercício se concretiza e as dúvidas sobre a cognição são visualizadas pelo professor, que tem oportunidade de melhorar a

qualidade de sua didática a partir desta manifestação expressiva.

Os exercícios podem ser desenvolvidos a partir de qualquer título nacional, já que os textos originais desaparecem das vinhetas no exercício. Porém, no caso de Escolas mais abastadas, a aquisição de títulos de História em Quadrinhos estrangeiros e a promoção de sua leitura são excelentes para a fixação de vocabulário e desenvoltura na expressão desinibida dos educandos, na fala e na escrita.

Evoluindo um pouco mais o conceito da aplicação da linguagem da História em Quadrinhos, temos a utilização do esquema mental para a explicação de um conteúdo complexo. Já sem a exigência de desenhos belos, precisos e passíveis de coloração, o domínio da linguagem da História em

↑ Uso da técnica do ensino das Artes, com ênfase na perspectiva. Utilizando as câmeras dos celulares das crianças, foi proposta a atividade de elaboração de uma HQ, por meio da técnica da fotonovela, partindo de um roteiro proposto pela acadêmica de graduação Denise Reis, em 2013, com a situação-problema de matemática. Crianças de diferentes faixas etárias interagiram, posando, fotografando, montando as vinhetas com recursos do aplicativo Windows Paint.



← Exercício do ensino de língua inglesa nas primeiras séries do ensino fundamental, desenvolvido e aplicada pela Professora Suzie Lie Hirasaka, acadêmica de graduação em 2005, em escola privada de ensino fundamental.

Quadrinhos serve aos professores de nível médio e superior para estabelecer sínteses relevantes de conteúdos. Neste via de mão dupla, também tem sido utilizada a referida linguagem para revelar se os educandos realmente atingiram o nível cognitivo amadurecido, a massa crítica que permite reconhecer uma situação teoricamente descrita e reagir profissionalmente sobre ela, recriando a “surpresa” de uma situação real.

Por meio da utilização da linguagem da História em Quadrinhos, os educadores recuperam a autoria e a liderança sobre as suas práticas pedagógicas, pois mobilizam a afetividade do educando, desafiando a sua inteligência e, ao mesmo tempo, inserindo uma motivação extrínseca a execução da tarefa proposta. Ao contrário da crença leiga, como demonstrado, esta linguagem pode ajudar na elaboração de materiais de aprendizagem e avaliação, independentemente da faixa etária envolvida. O segredo do uso está na mediação de conteúdos e experiência tácita que o educador já possui, articulada com o domínio desta linguagem, que abre

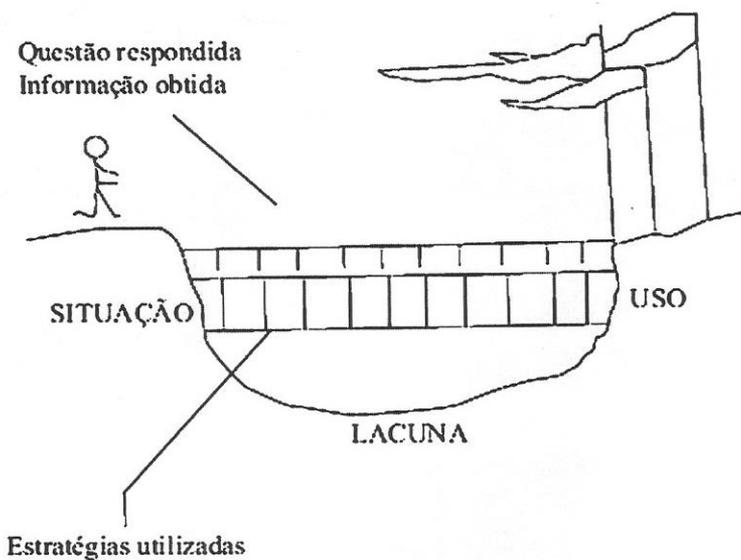
§ A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* tem sido, desde seu lançamento, em 2001, o principal estudo sobre o comportamento leitor no país. Tem oferecido, desde então, uma extraordinária contribuição a governos, gestores, pesquisadores, empresários e a todos aqueles que se preocupam com a questão das políticas públicas do livro e leitura.

§ O Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) revela os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira adulta. Também criado em 2001, seu principal objetivo é oferecer informações qualificadas sobre as habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática dos brasileiros entre 15 e 64 anos de idade, de modo a fomentar o debate público, estimular iniciativas da sociedade civil, subsidiar a formulação de políticas públicas nas áreas de educação e cultura, além de colaborar para o monitoramento do desempenho das mesmas.

perspectivas de comunicação, por meio da hibridização de texto e imagem, para a expressão de conhecimento explícito.

Uma incômoda realidade, comprovada por pesquisas como “*Retratos da Leitura no Brasil*” §, o “*Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF*” §, nos leva constatar que o povo brasileiro, apesar de reconhecer o valor e até ter uma predisposição muito positiva em relação à leitura, está limitado a uma situação de inação e falta de convivência com o ato de ler, pela falta de equipamentos públicos que disponibilizem livros e outros bens culturais relacionados. O baixo poder aquisitivo limita a compra de livros, jornais e revistas, e ainda assim as modestas coleções privadas ainda são as maiores responsáveis pela leitura de lazer de grande parte da população, segundo estas e outras pesquisas.

Neste contexto, a Escola muitas vezes é o único equipamento público, a única presença visível do Estado em muitas comunidades de nosso país. Não é possível, contudo, que assuma as grandes responsabilidades deixadas pelo vácuo



das Bibliotecas Públicas, Subprefeituras, Postos de Saúde e outras instalações bem equipadas, que existem de direito, mas não existem de fato nos municípios brasileiros. Outrossim; sempre se pode trabalhar de forma a criar um ambiente letrado no entorno da comunidade escolar, predispondo o cidadão à visibilidade de suas próprias necessidades, fazendo-se então representar politicamente e realmente lutar pela implantação desta infraestrutura tão necessária ao desenvolvimento social.

A princípio, pequenos acervos de salas de leitura escolar, caixas-estante ou outros acervos de uso público podem ser providenciados. É muito complicado trabalhar com doações, mas os livros enviados por programas governamentais federais são em número insuficiente mediante a demanda reprimida de leitores (e não-leitores). A vantagem de diversificar os acervos escolares com a História em Quadrinhos é a questão do custo, realmente muito baixo no caso das revistinhas, e são ótimas para garantir a circulação de leitura nas residências e ambientes sociais extramurais à Escola. Na verdade, ninguém vai lamentar extremamente a perda de uma revistinha emprestada, pois são publicações de vida curta neste contexto, mais quanto benefício essas pequenas heroínas farão nas

◀ Vinheta ilustrativa de questão do concurso para Bacharel em Biblioteconomia da Câmara de São Paulo, aplicada em 2007, elaborada pela VUNESP, cujo enunciado é: "A figura seguinte ilustra a abordagem Sense-Making, alternativa de estudos de usuários, proposta por Brenda Dervin, na qual:" e a resposta correta seria a alternativa (D) "estuda-se o trinômio 'situação, lacuna e uso' observados a partir do ciclo de experiência ou do momento de construção do sentido do usuário".

▮ A Lei no. 12.244, de 24 de maio de 2010, dispõe sobre a *Universalização da Biblioteca Escolar*, decretando que todas as unidades escolares brasileiras, dedicadas ao ensino Básico, Fundamental e Médio, disponham de uma Biblioteca Escolar projetada sob parâmetros nacionais específicos, até o ano de 2020.

casas e nas vidas das crianças e jovens, dos adultos da EJA, dos professores e demais educadores! Quase todo tipo de público se agrada de uma boa leitura incidental, e as histórias em quadrinhos cumprem plenamente esse papel.

Crianças e jovens também podem levá-los em suas mochilas, para ler pelo trajeto escolar, que leva muito mais tempo para quem é mais pobre, mas pode ser muito mais digno, quando se está lendo um divertido "Gibi". É claro que, nessa situação inicial, não é necessária a patrimonialização desse trecho do acervo escolar, que será voltado ao consumo. O que se pode e deve verificar é o teor das revistas de História em Quadrinhos compradas ou doadas e sua adequação ao grupo social servido, fazendo dos educadores os leitores com criticidade para decidir se o material é apropriado de fato.

A legislação atual propicia que, no período de uma década, a unidade de informação escolar já seja uma Biblioteca Escolar, com a presença do Bacharel em Biblioteconomia e equipe adequada, em espaço apropriado, constituída em uma modalidade específica e que deve fazer a adequada gestão do acervo e da informação nele contidos. ▮ Mas, até que esta lei seja regulamentada e implementada, e mesmo depois de que tudo esteja funcionando como se deve, os professores e demais educadores precisam se envolver, ou seja, ler, escolher, sugerir o que seus educandos podem ler, por utilidade ou por gosto. Vamos dizer que, na execução desta difícil tarefa, certamente a leitura da História em Quadrinhos acabará conquistando o coração de todos que lhe derem uma chance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios estão dados e a dívida social impagável do analfabetismo funcional está à mostra, como um elemento de igualdade totalmente indesejável que une culturas, línguas, nações e continentes. Educadores brasileiros e de outros países se deparam com um contexto complexo, problematizado pelo excesso de responsabilidades, mediante a falta de autonomia de trabalho, valorização profissional e recursos compatíveis. Somente a garra dos protagonistas da missão de democratizar o acesso à cultura letrada poderá salvar o mundo de um futuro no qual os progressos científicos estarão sob a compreensão e o domínio de poucos, representando uma estrutura de poder ao invés de mais conforto, segurança e felicidade para a humanidade.

O letramento e a formação do gosto leitor só chegam ao seu amadurecimento pleno se o indivíduo gostar de ler, ou seja, o vínculo emocional é um elemento imprescindível na proficiência de leitura. Ao integrar ações de leitura escolar e leitura social, estamos mobilizando forças até então desarticuladas, intramurais e extramurais ao ambiente

escolar, transformando a cidade em um ambiente educacional, como preconizara Antonio Gramsci no início do séc. XX (BARI, 2002, p.75-76). A História em Quadrinhos é um bem cultural que mobiliza as crianças, mas também interessa aos adultos, criando redes sociais de compartilhamento de leitura e situações de leitura em diferentes faixas etárias.

Neste processo social, a Escola é imprescindível, relevante e ainda permanece como instituição essencial ao exercício do direito humano à Educação Universal. Heróis os educadores e heroína a História em Quadrinhos, podem unir as forças no cenário controverso, em busca do objetivo da democratização da leitura e de tudo o que ela pode oferecer de utilidade, cultura, divertimento, identificação e afetividade. Acreditando ainda no final feliz. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARI, Valéria Aparecida; VERGUEIRO, Waldomiro. *As histórias em quadrinhos para a formação de leitores ecléticos: algumas reflexões com base em depoimentos universitários*. In: *Revista Comunicação e Educação*. São Paulo: Paulinas, v. XII, n.1, p.15-24, jan-abr 2007.
- BARI, Valéria Aparecida. *O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo - ECA/USP, 2008. (Tese de Doutorado). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/> Acesso em 03 dez. 2011.
- BARI, Valéria Aparecida. *Por uma epistemologia da educomunicação*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo - ECA/USP, 2002. (Dissertação de Mestrado).
- BARI, Valéria Aparecida. *A resignificação dos conflitos civilizatórios em Holy Avenger*. In: VERGUEIRO, W.; SANTOS, R. E. dos. *A História em Quadrinhos no Brasil: análise, evolução e mercado*. São Paulo: Laços, 2011. p. 241-259.
- BRASIL, Presidência da República. *Lei da Universalização da Biblioteca Escolar* (Lei no. 12.244, de 24 de maio de 2010). Brasília: Congresso Nacional, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- JEAN-BAPTISTE DEBRET. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jean-Baptiste_Debret&oldid=27806765>. Acesso em: 3 dez. 2011.
- JOHANN MORITZ RUGENDAS. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Johann_Moritz_Rugendas&oldid=27651108>. Acesso em: 3 dez. 2011.
- KORCZAK, Janusz. *Quando eu voltar a ser criança*. São Paulo: Summus, 1981.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- MONTE FUJI. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Monte_Fuji&oldid=26793679>. Acesso em: 3 dez. 2011.
- PROGRAMA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DE ALUNOS - PISA. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=programa_internacional_de_avalia%C3%A7%C3%A3o_de_Alunos&oldid=24815211> . Acesso em 17 de junho de 2011.
- PUSTZ, Matthew J. *Comic Book Culture*. Mississippi: University Press/Jackson. New York: Perennial, 1999.
- RETROSOS da leitura no Brasil. 3 ed. Brasília: Instituto Pró-Livro, 2011. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48>> Acesso em 25 de novembro de 2013.
- SOARES, Magda. *Letramento e Escolarização*. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Editora Global, 2003. p. 89-113.
- TICIANO. In: *WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ticiano&oldid=27749849>>. Acesso em: 3 dez. 2011.